

Rio, 19 de março de 2006

Versão impressa

Uma veterana de 17 anos

PARANAGUÁ (PR). Barriga de fora, jeans de cintura baixa, top azul com babados roxos e tamancos amarelos. Apesar de seus 17 anos, Y. é uma veterana da rua do R\$ 1,99, o principal ponto de exploração sexual infanto-juvenil de Paranaguá, onde as mais jovens têm entre 12 e 15 anos. As feições e os trejeitos infantis são camuflados pela aparência de uma mulher muito mais velha. Queimaduras na boca denunciam o uso de crack. A barriga de fora mostra cicatrizes de dois partos.

Y. vive de vender o corpo desde os 14. Seu caso é um clássico. O pai é filho de um conhecido comerciante local e abandonou a mãe ainda grávida. Há seis meses ele apareceu, deixou R\$ 30 para a filha e virou as costas. Aos 9 anos, Y. foi violentada pelo senhorio da pequena casa onde morava. Ela volta a ser adolescente e chora quando lembra o fato.

— Em vez de brigar, meu padrasto deu um beijo no rosto dele (do estuprador). Eu e minha mãe fomos dar queixa na delegacia, mas o delegado não deu bola — disse.

Aos 13, sem ambiente em casa, Y. foi morar com o namorado oito anos mais velho. Um ano depois ambos estavam afundados no crack e ele a obrigou a se prostituir para sustentar o vício. Aos 16, era mãe de duas garotas. O pai é o antigo namorado, que não dá notícias desde o ano passado.

Sua rotina seria monótona se não fosse trágica. Y. chega ao R\$ 1,99 às 18h. Nos primeiros programas cobra R\$ 15, no máximo R\$ 20. Gasta tudo em crack e conhaque. O preço vai abaixando no decorrer da noite, conforme aumenta a loucura provocada pela droga.

— Até perco as contas de quantos programas faço por noite — confessa.

Com o dia já claro, totalmente alucinada de crack e bebida, Y. se entrega por um punhado de moedas ou um pouco de crack. Ao contrário das meninas de sua idade, ela perdeu as ilusões em relação a amor e futuro. Seus planos são arrumar emprego em uma loja, terminar os estudos, ganhar um terreno do pai rico e construir uma casa para criar as filhas.

Um exemplo do futuro que espera Y. é X., de 20 anos. Órfã de pai e mãe, foi expulsa de casa pela tia aos 12, grávida de um homem casado. No mesmo dia se tornou prostituta.

—Tinha um velho babão que passava todo dia na porta do colégio de bicicleta abanando uma nota de R\$ 50. Naquele dia aceitei dormir com ele, peguei a grana e comprei uma passagem para Curitiba — lembra.

X. passou pelo mesmo calvário de Y.

— Passei uma temporada com um gringo que me deixou um bom dinheiro e uma mobília novinha. Até que um dia a traficante parou na porta de casa com uma caminhonete e levou tudo. Fumei a mobília em três dias — lembra ela.